

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JULIANA VICENTINI

A DIMENSÃO ÉTICA DA IPSEIDADE EM PAUL RICOEUR

CHAPECÓ

2023

JULIANA VICENTINI

A DIMENSÃO ÉTICA DA IPSEIDADE EM PAUL RICOEUR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Élsio José Corá

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Vicentini, Juliana

A dimensão ética da ipseidade em Paul Ricoeur. /
Juliana Vicentini. -- 2023.

31 f.

Orientador: Doutor Élsio José Corá

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Chapecó, SC, 2023.

1. Hermenêutica.. 2. Ética.. I. Corá, Élsio José,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

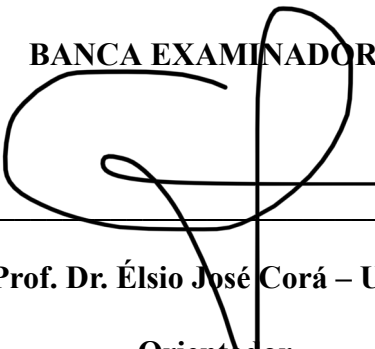
JULIANA VICENTINI

A DIMENSÃO ÉTICA DA IPSEIDADE EM PAUL RICOEUR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

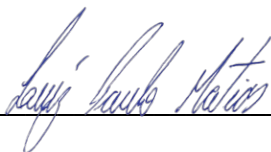
Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/07/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Élsio José Corá – UFFS

Orientador



Prof. Ms. Luiz Paulo Matias – UFFS

Avaliador

Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento – UFOB

Avaliador

Dedico este texto aos leitores que buscam compreender o conceito de identidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, como que num abraço escaldante, todas as pessoas que fizeram parte da minha vida, durante esses vinte e três anos de história. Eu não poderia desejar outra trajetória, senão, essa pela qual palavras de amor e ódio foram deliberadas, de maneira, a definir risos e lágrimas, por vezes, inesquecíveis. Minha alma estremece, em cada memória recebida dos tempos passados, as quais me fazem recordar as mais singelas lembranças, das quais sou imensamente grata. In(felizmente), o tempo passado não tem o seu retorno marcado, porém, a vida é, de fato, um emaranhado de oportunidades. Oportunidades essas das quais me torno testemunha da paixão que purifica, incessantemente, a minha alma. O tempo presente é uma dádiva, pois, a vida acontece nele e é dele que no futuro, assim como os lírios do campo, a vejo florescer.

Gostaria de agradecer a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), principalmente, pelas experiências disponibilizadas, pois, com elas desenvolvi e defini a minha própria identidade. Fazer parte da história da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), é um sentimento. Mais uma vez, muito obrigada, pelo carinho e responsabilidade, não só comigo, mas com toda a comunidade acadêmica.

Desejo agradecer também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e pela bolsa no Programa de Residência Pedagógica (RP), as quais me fizeram manter uma relação de apreço e dedicação com a minha área de pesquisa dentro da Licenciatura em Filosofia.

Com amor e carinho, Juliana Vicentini.

MEMÓRIA

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(ANDRADE, 1995, pg. 27).

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A DIMENSÃO ÉTICA DA IPSEIDADE EM PAUL RICOEUR

O presente texto é a composição de uma pesquisa hermenêutica, de maneira geral, relacionada à teoria do sujeito. O objeto de estudo, utilizado como fundamento para o texto, é o livro denominado “O Si-Mesmo como Outro”, do intelectual e hermeneuta francês Paul Ricoeur. Jean Paul Gustave Ricoeur, nasceu na cidade de Valence na França, em 1913. Durante a sua jornada, atuou profissionalmente como professor de Filosofia, desenvolveu pesquisas importantes para as áreas da hermenêutica e da epistemologia, foi prisioneiro durante a segunda guerra mundial e aos 92 anos de idade, enquanto residia na cidade de Châtenay-Malabry em Paris, faleceu. Nas primeiras linhas da dissertação, o que o leitor poderá observar, são reverberações da pesquisa hermenêutica, bem como, a maneira como o sujeito pode ser compreendido enquanto um sujeito, principalmente, depois do processo da referência identificante. Posteriormente, com a teoria da enunciação, é possível compreender de que maneira, o sujeito é incluído em enunciações, justamente, as enunciações as quais compõem a teoria narrativa e, o modo como o mesmo tem parte da sua identidade compilada. No último capítulo, o que se busca demonstrar é, exatamente, a dimensão ética da identidade enquanto ipseidade e, também, o espaço no qual ela é desenvolvida. Ademais, o texto é uma grande alusão a desconstrução de uma antiga teoria do sujeito que, do ponto de vista de Paul Ricoeur, deve ser efetiva. A teoria do sujeito, a qual vem sendo presumida desde a idade moderna, pelo intelectual também francês René Descartes, é a responsável pelo desenvolvimento do *Cogito Ergo Sum*, o qual tempos mais tarde, sob influência de Paul Ricoeur e outros intelectuais, vem a se transformar no *Cogito* quebrado (*brisé*) ou *Cogito* ferido (*blessé*), numa tentativa radical de fornecer ao solipsismo um novo semblante.

Palavras-chave : Identidade, Ipseidade e Ética.

ABSTRACT

THE ETHICAL DIMENSION OF IPSEITY IN PAUL RICOEUR

The present text is the composition of a hermeneutic research, in general, related to the theory of the subject. The object of study, used as a foundation for the text, is the book called “The Self as Another”, by the French intellectual and hermeneutic Paul Ricoeur. Jean Paul Gustave Ricoeur, was born in the city of Valence in France, in 1913. During his journey, he acted professionally as a professor of Philosophy, developed important research in the areas of hermeneutics and epistemology, was a prisoner during the second world war and at 92 years old, while residing in the city of Châtenay-Malabry in Paris, he died. In the first lines of the dissertation, what the reader will be able to observe, are reverberations of the hermeneutic research, as well as, the way in which the subject can be understood as a subject, mainly, after the process of the identifying reference. Subsequently, with the theory of enunciation, it is possible to understand how the subject is included in enunciations, precisely the enunciations which make up the narrative theory, and the way in which he has part of his compiled identity. In the last chapter, what I try to demonstrate is exactly the ethical dimension of identity as selfhood and also the space in which it is developed. Moreover, the text is a great allusion to the deconstruction of an old theory of the subject that, from Paul Ricoeur's point of view, must be effective. The theory of the subject, which has been presumed since the modern age, by the also French intellectual René Descartes, is responsible for the development of the Cogito Ergo Sum, which later on, under the influence of Paul Ricoeur and other intellectuals, came to be transform into the broken Cogito (brisé) or wounded Cogito (blessé), in a radical attempt to give solipsism a new face.

KeyWords : Identity, Ipseity and Ethic.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| RESUMO | 8 |
| ABSTRACT | 9 |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. A PESSOA E A REFERÊNCIA IDENTIFICADORA. | 12 |
| 1.1. Indivíduo e Individualização. | 12 |
| 1.2. A pessoa como particular de base. | 13 |
| 1.3. Os corpos e as pessoas. | 13 |
| 1.4. O conceito primitivo de pessoa. | 15 |
| 2. A ENUNCIÇÃO E O SUJEITO FALANTE. | 16 |
| 2.1. Enunciação e atos de discurso. | 16 |
| 2.2. O sujeito da enunciação. | 18 |
| 2.3. A conjunção das duas vias da filosofia da linguagem. | 20 |
| 3. O SI E A VISADA ÉTICA. | 21 |
| 3.1. Visar à “vida boa”(…). | 22 |
| 4.2. (...) com e para o outro (...). | 24 |
| 4.3. (...) nas instituições justas. | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 27 |
| REFERÊNCIAS | 29 |

INTRODUÇÃO

O presente texto é a composição de uma pesquisa hermenêutica, de maneira geral, relacionada à teoria do sujeito. Ela tem como objetivo focalizar em uma nova perspectiva, desenvolvida pelo Paul Ricoeur, para observar e compreender o sujeito e, também, contrapor as antigas teorias do sujeito, bem como, o *Cogito Ergo Sum* de Descartes.

Nas primeiras linhas da dissertação, de maneira muito simples, faço uma introdução ao processo de individualização, sob orientação pragmática, pelo qual a ideia de sujeito perpassa. É também o momento de compreender quais aspectos primitivos permanecem com o sujeito ao longo da história e, que constituem a sua identidade pessoal e narrativa.

Em um segundo momento, o que o leitor poderá observar, do ponto de vista da semântica, são relações entre o sujeito enquanto primeira pessoa do singular e segunda pessoa do singular e a enunciação de abordagem reflexiva, ou seja, a estrutura enunciativa de abordagem reflexiva é a representação perfeita do sujeito que atua tanto como agente quanto como paciente. O leitor poderá observar também, que o sujeito pode ser observado na estrutura enunciativa de abordagem referencial, onde ele representa a terceira pessoa do singular, ou seja, ele/ela. Também será possível analisar a importância da Teoria do Atos de Discursos, desenvolvida pelo Austin e pelo Searle, para a composição da estrutura enunciativa, principalmente, o que desejam representar e, de que maneira, são fundamentais para a composição da identidade pessoal e narrativa do sujeito. No final do capítulo surgem alguns paradoxos e aporias, os quais com seus desafios, tornam o texto ainda mais sedimentado.

E por fim, para dar fundamento para a dimensão ética, a qual está relacionada com a identidade enquanto ipseidade, é importante observar o conceito de ética do ponto de vista da teleologia aristotélica. Ação e sujeito constituem duas esferas distintas, com as quais se conectam, do lado da ação, os termo bom, e do lado do sujeito, a estrutura enunciativa. Eu considero importantes observar como ambas as esferas, compostas pelo termo e pela estrutura enunciativa, se relacionam. Essa relação, portanto, acontece de tal forma que, o sujeito da estrutura enunciativa é sobreposto na ação, justamente, essa ação a qual é qualificada enquanto boa. Poderíamos dizer que as características, atreladas a ação, são as mesmas características que determinam o sujeito. Desta forma, dizer que uma ação é boa, é como

dizer que o sujeito da estrutura enunciativa é caracterizado pela ideia de bom. Além do mais, a ação composta pelo termo bom, é uma ação descrita pelos conceitos de ética. Ética, em Paul Ricoeur, constitui um conceito cujo significado está relacionado com a ideia de costume, o qual é desenvolvido através dos vícios e das virtudes.

Devemos, todavia, nos questionar ao longo do texto presente, como a ética se relaciona com o desenvolvimento da identidade enquanto ipseidade, uma vez que, a estrutura enunciativa comentada precisamente no segundo capítulo, cruza com a teoria da ação.

1. O PROCESSO DE INDIVIDUALIZAÇÃO.

“(…) o enriquecimento que a noção de pessoa pode receber de uma teoria reflexiva da enunciação não poderia resultar da substituição de uma teoria da enunciação pela teoria da referência identificante, sob pena de se deixar levar nas aporias do solipsismo e, nos impasses da experiência privada.” (RICOEUR, 2019, p.54).

1.1. Processo de Individualização.

A primeira, das quatro partes do primeiro estudo, fala sobre o processo de “identificação”. O processo de identificação, em Paul Ricoeur, é responsável por individualizar a ideia de pessoa. A individualização acontece por meio dos operadores de individualização, bem como, a descrição definida, os nomes próprios e os indicadores. Desta forma, a ideia de pessoa, quando identificada e individualizada, se torna uma referência identificante.

Cada operador de individualização, tem um objetivo bem claro, quase todos voltados para a sedimentação da referência identificante. O objetivo da descrição definida, por exemplo, é tornar um elemento “(...) oposto a todos os outros” (RICOEUR, 2019, p. 3), o objetivo dos nomes próprios é “(...) designar a cada vez um indivíduo, com exclusão de todos os outros da classe considerada” (RICOEUR, 2019, p.5) e, por fim, para os indicadores, cabe a tarefa de designar “(...) a cada vez coisas diferentes” (Idem).

1.2. Particulares de Base.

O foco da segunda parte do primeiro capítulo, é compreender parcialmente, a seguinte questão: “Como passar do indivíduo qualquer ao indivíduo que é cada um de nós?” (RICOEUR, 2019, p. 6).

Para desenvolver as respostas para essa questão, Paul Ricoeur conversa com Peter Strawson. Desta forma, para o filósofo inglês, existe um conjunto de elementos denominados particulares, por sua vez, composto pelos particulares de base. A principal característica de um particular de base, é a sua composição, a qual é definida pela ideia de corpo físico e/ou pela ideia de pessoa. Outra característica muito importante dos particulares de base, é serem individualizados através dos operadores de individualização, bem como, as descrições definidas, os nomes próprios e os indicadores. Nesse sentido, se um particular de base é composto pela ideia de corpo físico e/ou pela ideia de pessoa, e também, individualizado

através dos operadores de individualização, é de se afirmar que os particulares básicos, acabam por se tornar uma referência identificante.

Ademais, são em capítulos prósperos onde serão realizadas observações para com a relação existente entre o indivíduo enquanto particular de base e o pronome reflexivo si.

1.3. Identidade enquanto Mesmidade.

De acordo com Paul Ricoeur, e também com Strawson, os corpos físicos representam os primeiros particulares de base, principalmente, “(...) porque satisfazem primordialmente aos critérios de localização no único esquema espaçotemporal” (RICOEUR, 2019, p.9).

Vale destacar que, se a ideia de pessoa é representada pelos predicados físicos e psíquicos e a ideia de corpo é representada pelos predicados físicos, ambas as ideias são caracterizadas pelo aspecto primitivo. Posso afirmar, de acordo com Paul Ricoeur, que a ideia de pessoa é semelhante a ideia de corpo físico, em função da própria ideia de pessoa pertencer a um corpo físico, bem como diz o próprio Ricoeur “Possuir um corpo é o que fazem ou o que são as pessoas” (Idem).

A identidade é composta pela identidade-idem e pela identidade-ipse, de modo que, a identidade-idem representa o caráter e a identidade-ipse representa a promessa. Porém, os particulares de base são representados pela identidade-idem, principalmente, pelo seu caráter primitivo.

Sobre a consciência mental, ela não compõe o âmbito dos particulares de base, principalmente, pelo seu caráter privado. Enquanto os corpos físicos e/ou as pessoas são evidenciadas pelo caráter público, de outro lado, a consciência é caracterizada pelo seu aspecto privado.

No final da terceira parte, surgem algumas perplexidades, as quais giram em torno da ideia de pessoa a qual é desafiada pela ideia de corpo objetivo.

A primeira perplexidade, gira em torno da ideia de retorno do corpo ao primeiro plano, não pelo pertencimento espaço temporal, mas pela relação entre corpo próprio e mundo objetivo dos corpos, no sentido possessivo do termo mesmo, isto é, o corpo físico é “meu”, ou então, de “alguém”.

A segunda perplexidade, está relacionada com a eliminação da consciência dos particulares de base e a maneira como essa exclusão proporciona a ocultação do si. Essa perplexidade é solucionada pela ideia de que, o pronome reflexivo si através do poder da autodesignação, faz com que o indivíduo enquanto particular de base, deixe de ser caracterizado pela identidade-idem, ou seja, deixe de ser um sujeito como outro qualquer, uma vez que o corpo físico e a pessoa representam estruturas públicas e a consciência representa uma estrutura privada.

E afinal, qual é a importância de compreender a possibilidade que o pronome reflexivo si tem de, ao mesmo tempo, designar a primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do singular? Em outras palavras, qual é a importância que se dá, a passagem da terceira pessoa do singular para a primeira pessoa do singular? E qual é a relação dessa passagem com o pronome reflexivo si? Em primeiro lugar, considere que a passagem do pronome “ele/ela” para o pronome “eu” se dá pela autodesignação, principalmente, porque o pronome “ele/ela” em o Si-Mesmo como Outro tende a se transformar no pronome “eu”. Frases como “Eu afirmo que” e “Ele afirma que”, conseqüentemente, possuem essa diferença de designar pronomes diferentes, desta forma, possuem sentidos opostos. Esse tipo de autodesignação, desenvolvida pela primeira pessoa do singular e, posteriormente, reverberada pela terceira pessoa do singular, é o que dá sentido ao conceito de alteridade, por sua vez, tão importante para a filosofia de Paul Ricoeur.

1.4. Aspecto Primitivo da Identidade-Idem.

Na quarta e última parte do primeiro capítulo, descrevo as razões que levam a noção de pessoa a ser uma noção primitiva, e também, por quais componentes a noção de pessoa é composta.

Em primeiro lugar, posso afirmar que a noção de pessoa é uma noção primitiva, pelo fato de não derivar de nenhuma outra noção, a não ser dela mesma. E em segundo lugar, a noção primitiva de pessoa é composta pelos predicados físicos e psíquicos.

Sobre a noção primitiva da ideia de pessoa, posso afirmar, de acordo com Paul Ricoeur, que existem alguns paradoxos. O primeiro paradoxo está relacionado com a teoria da atribuição, principalmente, porque é contraditório pensar em atribuir um predicado físico e um predicado psíquico a uma mesma entidade, e ao mesmo tempo, atribuir dois predicados físicos e dois predicados psíquicos a uma mesma entidade. A ideia de Paul Ricoeur, é excluir

uma possível “(...) dupla atribuição das duas séries de predicados, à alma (ou à consciência), por um lado, ao corpo, por outro” (RICOEUR, 2019, p. 13). Porque, de acordo com o autor, é impossível uma entidade designar dois predicados psíquicos e dois predicados físicos, ao mesmo tempo.

Ainda sobre a noção primitiva de pessoa quando penso a sua relação com o processo de individualização, devo considerar que individualizar uma outra pessoa, é como individualizar a si-mesmo. Temos aqui outra demonstração simplória da relação entre a primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do singular. E no entanto, qual é a relevância fornecida a essa troca de individualizações, entre a primeira pessoa do singular e a segunda pessoa do singular, principalmente, diante da terceira pessoa do singular?. Essa relação entre o corpo do outro e o corpo próprio, é uma relação que envolve a questão da propriedade, no sentido possessivo do termo, então, quando digo serem meus determinados predicados, os tenho enquanto minhas propriedades e/ou minhas responsabilidades e, da mesma forma, espero do outro que os tenha enquanto suas propriedades e/ou suas responsabilidades.

E por fim, Paul Ricoeur relaciona a noção primitiva de pessoa enquanto mesmidade composta apenas pelos predicados psíquicos com a abordagem reflexiva. Nesse sentido, quando predicados psíquicos são atribuídos a outro que não a si-mesmo, um acontecimento mental é desenvolvido e, conseqüentemente, um estado mental é alterado, e da mesma forma, quando um predicado psíquico é atribuído a si-mesmo, um acontecimento mental é desenvolvido e um estado mental é alterado. Dessa maneira, quando se atribui um predicado psíquico a si-mesmo, e essa atribuição tem um determinado sentido, e quando se atribui esse mesmo predicado psíquico a outro, com o mesmo sentido, ambas as atribuições mantêm o mesmo sentido. É próprio da autodesignação e da atribuição ter um sentido, seja afirmar, negar, interrogar e etc.

De qualquer forma, para Paul Ricoeur existe algo de lógico na relação entre o si-mesmo e o outro que surge através do poder da atribuição e pode-se perceber o aspecto lógico da relação, no instante em que, um predicado psíquico é “... atribuído a si-mesmo (*oneself*), um estado de consciência é sentido (*felt*), atribuído a outro, é *observado*” (RICOEUR, 2019, p. 17).

Além do mais, quando um predicado psíquico é atribuído a si-mesmo, o que o sujeito realiza é a autodesignação, e quando um predicado psíquico é atribuído a outro, o que o sujeito realiza é a alteridade.

E de qualquer forma, a relação lógica entre o si-mesmo e o outro, é uma relação que se opõe a teoria solipsista, uma vez que, a teoria solipsista é a teoria a qual descreve o sujeito enquanto um sujeito individual.

2. A IDENTIDADE DO SUJEITO E O PROCESSO DE ENUNCIÇÃO.

“... enquanto corpo entre os corpos, ele constitui um fragmento da experiência do mundo; enquanto meu, ele compartilha o estatuto do “eu” entendido como ponto de referência limite do mundo” (RICOEUR, 2019, p.36).

2.1. Estruturas Enunciativas.

Para representar a noção de pessoa, Paul Ricoeur utiliza como escopo a teoria da enunciação. De acordo com a teoria da enunciação, a estrutura enunciativa é composta pela abordagem referencial ou pela abordagem reflexiva. Desta forma, é possível observar a noção de pessoa de dois ângulos diferentes, por exemplo, se a estrutura enunciativa a qual é composta pela abordagem referencial e é caracterizada pela transparência, e se, a estrutura enunciativa a qual é composta pela abordagem reflexiva e é caracterizada pela opacidade, portanto, temos de um lado, uma estrutura enunciativa, do tipo da abordagem referencial, que torna o signo transparente, e de outro lado, a estrutura enunciativa do tipo da abordagem reflexiva, que torna o signo opaco, portanto, enquanto na primeira estrutura “(...) a pessoa é de início a terceira pessoa, portanto aquela de quem se fala “ (RICOEUR, 2019, p. 20), na segunda estrutura “(...) a pessoa é principalmente um eu que fala a um tu” (Idem).

Além da teoria da enunciação, para representar a noção de pessoa, Paul Ricoeur em sua obra, realiza reverberações sobre a teoria dos atos de discurso, a qual foi desenvolvida pelo Austin e pelo Searle. A teoria dos atos de discurso representa um papel importante para a enunciação de abordagem reflexiva e, conseqüentemente, para o entendimento da estrutura do si. A teoria dos atos de discurso, é a teoria que indica duas espécies de enunciados, respectivamente, os enunciados performativos e os enunciados constativos. De um lado, os enunciados performativos são caracterizados por um “fazer-dizendo”, e também, pelo uso da

primeira pessoa do singular (eu), e por outro lado, os enunciados constativos são caracterizados pela descrição do estado de coisas, e também, pelo uso da terceira pessoa do singular (ele/ela). E no entanto, o enunciado constativo é um enunciado cujo diferencial está em ser também um performativo, principalmente, porque o prefixo “eu” do enunciado performativo pode compor o enunciado constativo, de forma que, o enunciado constativo do tipo “Os professores ensinaram tudo o que sabiam.”, pode ser representado pelo enunciado performativo, por exemplo, “Eu afirmo que os professores ensinaram tudo o que sabiam.”, de forma que, o pronome “eu” esteja implícito no enunciado constativo. De qualquer forma, o enunciado constativo é uma abordagem referencial e o enunciado performativo é uma abordagem reflexiva.

As duas espécies de enunciados - performativos e constativos - são compostos pelos atos de discursos. Dizemos, por exemplo, que “(...) o ato locutório é a própria operação predicativa : dizer algo sobre algo” (RICOEUR, 2019, p. 23) e que o ato ilocutório “(...) consiste naquilo que o locutor faz ao falar” (Idem). Desta forma, o enunciado performativo é composto pelo ato ilocutório e o enunciado constativo é composto pelo ato locutório.

A teoria dos atos de discurso, de fato, representa um papel bem importante para o processo de interlocução. Sobre o processo de interlocução, posso afirmar que o mesmo é composto pelo pronome pessoal “eu” e pelo pronome pessoal “tu”, uma vez que, o “eu” supõe a existência do pronome “tu”. A fundamentação dada pela teoria da interlocução, além do mais, indica que “(...) toda a enunciação consiste numa intenção de significar” (RICOEUR, 2019, p. 60), de modo que, a intenção de significar é uma atitude tanto do pronome pessoal “eu” quanto do pronome pessoal “tu”. De qualquer forma, o sentido da interlocução, de acordo com a teoria da enunciação, está na própria troca de intencionalidades entre o pronome pessoal “eu” e o pronome pessoal “tu”.

A relação entre a teoria da enunciação e a teoria dos atos de discurso, de fato, é uma relação que visa destacar também a importância do pronome pessoal “eu”, principalmente, quando o pronome pessoal “eu” supõe a existência do pronome pessoal “tu”, ou seja, é uma relação que visa destacar o próprio processo de interlocução. A importância do pronome pessoal “tu” para o pronome pessoal “eu” é descrita de maneira lógica, através da fundamentação dada pela teoria da enunciação, para o processo de interlocução, ou seja, se existe um sujeito capaz de falar, conseqüentemente, existe um sujeito capaz de ouvir. E não podemos esquecer da intencionalidade, termo desenvolvido pelo Herbert Paul Grice, filósofo

inglês, o qual apresenta a enunciação enquanto um processo de “(...) troca de intencionalidades que se visam reciprocamente” (RICOEUR, 2019, p.24). Então, quando o pronome pessoal “eu” comunica-se com o pronome pessoal “tu”, comunica-se em virtude de uma intencionalidade. Em momentos prósperos, a grande questão posta pelo Paul Ricoeur, a saber: como trazer o pronome pessoal “ele/ela” da estrutura enunciativa de abordagem referencial, para a estrutura enunciativa da abordagem reflexiva, ou seja, para o pronome pessoal “eu”?

2.2. Sobre a estrutura enunciativa de abordagem reflexiva caracterizada pela opacidade.

Muito embora a relação entre uma enunciação de abordagem reflexiva e o pronome pessoal “eu”, tenha sido uma relação opaca, transcrita pela própria abordagem reflexiva, o sujeito da enunciação não transluz opacidade, ou seja, ainda que o pronome pessoal “eu” tenha sido conjugado ao verbo da enunciação, o sujeito da enunciação não designa a opacidade, ao contrário, é o fato da enunciação que se apresenta enquanto opacidade.

Retornamos para a teoria dos atos de discurso e para a teoria dos indicadores (individualizadores), em outras palavras, para a relação entre enunciação e enunciador. Dentro da teoria dos indicadores temos, de um lado, os indicadores (eu, isto, aqui e agora) e por outro lado, os operadores de individualização (nomes próprios e as descrições definidas).

Esse retorno para a relação entre a teoria dos atos de discurso e a teoria dos indicadores, é uma relação que nos permite definir o pronome pessoal “eu”, enquanto o primeiro indicador. Os outros indicadores, bem como, os dêiticos, respectivamente, “isto”, “agora” e “aqui” servem de complemento para a estrutura enunciativa, e no entanto, não são tão importantes quanto o pronome pessoal “eu”.

O fato de o pronome pessoal “eu” ser definido enquanto primeiro indicador, faz com que o mesmo não possa ser descrito através de frases como “a pessoa leu o livro”, o que acaba por tornar as frases “eu li o livro” e “a pessoa que leu o livro”, enquanto duas frases completamente diferentes.

A importância que se dá ao pronome pessoal eu, em uma estrutura enunciativa, é diferente da importância que se dá para a terceira pessoa do singular de uma abordagem referencial, principalmente, porque o pronome ele/ela “(...) pode ser qualquer coisa de que se

fale” (RICOEUR, 2019, p. 27). Ao contrário, a primeira pessoa do singular e a segunda pessoa do singular da abordagem reflexiva, são estritamente reverenciadas pelo processo de interlocução, tanto pela sua importância para o próprio processo de interlocução quanto pela alteridade.

Em uma enunciação de abordagem reflexiva se reflete o sentido do fato do enunciado, de maneira que, a reflexividade incidida sobre o fato é justamente o que o torna opaco. Desta forma, refletir o fato do enunciado, é torná-lo opaco. Trata-se de uma relação espontânea entre reflexão e fato, uma vez que, reflete-se o fato da enunciação e o torna opaco. O enunciado, em uma estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, de fato, é a representação fiel da opacidade.

Eis que surge um paradoxo, ou seja, uma contradição, a qual está relacionada com a opacidade, que por sua vez, incide sobre a pessoa e não sobre o fato do enunciado. Esse paradoxo é resolvido pela ideia de que a pessoa, ela não pode ser opacizada pela reflexão de uma estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, mas ela pode ser responsabilizada pela reflexão incidida sobre o próprio fato do enunciado. A ideia de manter a opacidade sobre o fato do enunciado e não sobre a pessoa, vem de uma possível despsicologização da linguagem que visa eliminar o ego.

Outro paradoxo, desta vez relacionado ao pronome pessoal eu se concentra na ideia de que o pronome pessoal eu é determinado tanto pela ideia de substituibilidade quanto pela ideia de insubstituibilidade. Resolve-se esse paradoxo através dos termos *type* e *token*, desenvolvidos pelo filósofo europeu Charles Sanders Peirce, de onde podemos concluir que *type* representa a ideia de “a cada vez” e *token* representa a ideia de “uma única vez”. De que maneira esse paradoxo é resolvido? Pela ideia de que a passagem do pronome pessoal pela ideia de *type* é o que o liga a ideia de *token*, em outras palavras, pode-se pensar sobre a importância do pronome pessoal pela ideia de caráter substituível do termo *token*, antes de determinar-se pela ideia de caráter insubstituibilidade do termo *token*. Além do mais, os termos *type* e *token* são termos que devem ser observados do ponto de vista da própria abordagem reflexiva de onde vemos surgir a ideia de fato, desta forma, na medida em que a opacidade é redigida para o fato da enunciação o fato também pode ser observado do ponto de vista dos termos *type* e *token*, conseqüentemente, o fato desenvolve-se tanto pela ideia de “a cada vez” e “uma única vez”. O pronome eu, de certa forma, mantém somente a sua responsabilidade pela enunciação composta pela própria factualidade.

3. A DIMENSÃO ÉTICA DA IDENTIDADE ENQUANTO IPSEIDADE.

Dirá Paul Ricoeur "A igualdade, seja qual for a maneira como a modulemos, está para a vida nas instituições como a solicitude está para as relações interpessoais." (RICOEUR, 2019, p. 224).

3.1. Sobre o Caráter e a sua Dimensão Ética.

Antes de mais, é de suma importância saber que a identidade enquanto ipseidade, tem como característica primordial a promessa, a qual deve ser visualizada no processo constante de aprimoramento do si.

Até certo ponto, a identidade enquanto ipseidade ela era caracterizada também pelo caráter, porque para Paul Ricoeur identidade-idem e identidade-ipse mesclavam-se entre si. Enquanto o caráter representa o "(...) conjunto das disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa" (RICOEUR, ano, p. 146), a promessa representa a manutenção do si a nível espçotemporal. Como essa nova determinação dada a identidade-ipse, identidade-idem e identidade-ipse, de certa forma, dissociam-se. De qualquer forma, identidade-idem e identidade-ipse, trabalham juntas, principalmente, no instante em que através do caráter enquanto uma disposição vem a promessa enquanto manutenção do si desenvolver-se.

Quando Paul Ricoeur fala em "(...) primado da ética sobre a moral" (RICOEUR, 2019, p. 202), ele deseja destacar a ética enquanto fundamento para a perspectiva da vida boa realizada na ação. A relação da identidade-ipse com a ética, pode ser entendida através da ideia de que a promessa enquanto manutenção do si acontece em função de princípios éticos estabelecidos pelo próprio sujeito.

"Ação boa enquanto fim em si mesma, principalmente, quando visa um fim ulterior.". Trata-se de um paradoxo o qual é resolvido pelas ideias de deliberação e escolha preferencial. Desta forma, o sujeito não delibera sobre onde quer chegar, e sim, sobre quais meios utilizar para chegar onde deseja. Além do mais, o sujeito delibera sobre aquilo o que está ao seu alcance, em todos os casos, de acordo com os seus desejos (*boulésis*). Outra ideia muito importante utilizada pelo Aristóteles e reverberado pelo Paul Ricoeur, é a ideia de sabedoria prática (*phronésis*), no sentido de que, as deliberações do sujeito podem ser realizadas através da sabedoria prática. Desta maneira, a visada ética aconteceria das maneiras premeditadas acima.

Desta forma, a ação boa, em Paul Ricoeur, assim como a práxis em Aristóteles, deve seguir ao que MacIntyre denomina como padrões de excelência. Além do mais, para Paul Ricoeur, os padrões de excelência são critérios estabelecidos por uma determinada coletividade e, jamais, por individualidades. Outro detalhe muito importante dos padrões de excelência, é que eles são direcionados para os bens imanes, os quais em outras palavras, podem ser delineados pela ideia de satisfação, ou seja, quanto maior o grau de satisfação, mais elevado são os níveis de padrões de excelência.

A relação entre teoria da ação e a ideia de padrões de excelência, torna possível compor consciências sobre a própria ação. No caso da ética, o padrão de excelência atrelado aos bens imanes da ação, é o resultado final, do qual o sujeito irá usufruir para desenvolver a autodesignação. Estimar a si-mesmo, através de ações éticas, ditas boas, é autodesignar-se enquanto um sujeito ético, ou então, bom. Porém, Paul Ricoeur é cauteloso na ideia de formula sobre a vida considerada boa, principalmente, quando evoca a ideia de plano de vida, no sentido de que, uma vida para ser considerada boa, ela necessita de tempo e trabalho, e tempo e trabalho para Paul Ricoeur, são experiências através das quais práticas são desenvolvidas. Paul Ricoeur diz:

“(…) entre nossa perspectiva da “vida boa” e nossas escolhas particulares, desenha-se uma espécie de círculo hermenêutico em virtude do jogo do vaivém entre a ideia de “vida boa” e as decisões mais marcantes de nossa existência (carreira, amores, lazeres e etc).” (RICOEUR, 2019, p. 211).

Nesse sentido, é ao decorrer da vida enquanto um projeto, que a identidade narrativa se desenvolve. Do ponto de vista da ética aristotélica, a identidade narrativa representa a vida boa, justamente, essa vida a qual é desenhada pelos padrões de excelência, os quais se voltam para os bens imanes, por sua vez, interpretados enquanto satisfações que surgem através da ação que o sujeito desenvolve enquanto agente. Agora, para Paul Ricoeur, “Interpretar o texto da ação é para o agente interpretar-se a si próprio.” (Idem). A interpretação, por sua vez, além do tempo e do espaço, deseja que a sensibilidade do sujeito esteja constantemente em desenvolvimento, a fim de aprimorar o ato de interpretar a si-mesmo.

4.2. O Si-Mesmo como Outro.

Na visada ética, a qual almeja a vida boa, estima a si-mesmo e solicitude se relacionam, de modo tal que, uma necessita da outra.

Ao pensar a relação existente entre estima de si-mesmo e solicitude, podemos buscar compreender como se dá a relação entre o si e o outro.

Antes de mais nada, para Paul Ricoeur, é importante ressaltar a implacável união entre o si, a posse e a simples ideia de "a cada vez".

O si, enquanto pronome reflexivo que representa todas as pessoas gramaticais, através da autodesignação, torna-se a posse de alguém, porém, a cada vez. Daí, Paul Ricoeur diz, "(...) a cada vez meu." (RICOEUR, 2019, p. 198). Daí, não podemos esquecer da ideia do outro. Aliás, diante do si-mesmo, quem é o outro? O outro, de acordo com Paul Ricoeur, é o diverso do si-mesmo. Quando falo de si-mesmo, estou falando também de outro. Portanto, afirmar que o si-mesmo é digno de estima, em função de suas capacidades físicas e intelectuais, é o mesmo que dizer que o outro também dispõe de estima de si e capacidades físicas e intelectuais.

Porém, agora, devemos pensar no conceito de amizade desenvolvido pelo filósofo Aristóteles. A amizade, segundo ele, de acordo com Paul Ricoeur, "(...) é uma virtude" (RICOEUR, 2019, p. 199). A ideia de amizade, entre o si e o outro, nos permite pensar que um sente a necessidade da amizade do outro e vice-versa. Essa ideia de Paul Ricoeur, é justamente uma contraposição à filosofia do direito natural, a qual estabelece que o sujeito não precisa ser inserido na sociedade para receber o conhecimento de seus direitos, uma vez que, ele já os detém.

Além do mais, com os termos ato e potência, de Aristóteles, percebemos que a amizade enquanto troca de relações físicas e intelectuais entre o si e o outro, é fundamentada pelo impulso criativo da existência enquanto realidade perceptível.

Além do mais, a amizade representa também a mutualidade e a igualdade entre o si e o outro, porém, não do ponto de vista de Stuart Mill, ou seja, da utilidade, e sim, da complacência mútua entre ambos.

De qualquer modo, devemos nos deixar orientar por Paul Ricoeur, e visar identificar se, de fato, o si almeja o outro porque compreende a sua própria importância ou talvez pela necessidade enquanto carência.

Para resolver essa questão, devemos voltar a refletir sobre as ideias de ato e potência desenvolvidas pelo Aristóteles, da qual Paul Ricoeur faz parecer a fundamentação para a amizade entre o si e o outro.

Dessa maneira, a amizade surge enquanto uma necessidade tanto do si quanto do outro de transcendência através da experiência física e intelectual; Além do mais, de acordo com os critérios precedentes, a amizade se torna componente essencial para o projeto de vida destacado anteriormente pela visada ética. E em relação a vida boa, a amizade, ela surge da consciência positiva de ambos os sujeitos, no sentido de que, estimar a si-mesmo é estimar o

outro. Estimar a si, diz Paul Ricoeur, "(...) é o momento reflexivo originário da visada da vida boa" (RICOEUR, 2019, p. 207). Além do mais, a ideia de amizade é composta pelos componentes de igualdade e justiça. Por tanto, em uma sociedade justa, a troca de relações entre o si e o outro, por meio da reflexividade, a qual visa a vida boa, tem como objetivo a alteridade, em prol da igualdade.

E agora sobre a ideia de solicitude, de acordo com Aristóteles, para Paul Ricoeur, devemos cercar a sua relação com a ideia de amizade.

Vale ressaltar que, em sociedades históricas antigas, a amizade era altamente estimada pela classe burguesa, por tanto, proletários, escravos, mulheres e crianças não dispunham dessa relação. Paul Ricoeur representa a estrutura da sociedade antiga, justamente, porque deseja desconstruir a perspectiva de amizade que há tanto tempo vem sendo delineada. Dessa forma, a relação entre amizade e solicitude, de acordo com o autor, é uma relação que deve acontecer de maneira espontânea, e não, por se tratar de uma normativa. Nesse sentido, durante uma relação de amizade, a solicitude surge enquanto um sentimento espontâneo que no plano ético visa a igualdade, entre o si e o outro. Além do mais, nessa relação entre amizade e solicitude, temos o outro enquanto o sujeito padecente e o si enquanto sujeito agente.

Essa personificação da identidade pessoal, formalizada através ética da responsabilidade, se sujeita a reverberar a ideia de que em uma sociedade como a que vivemos, é possível que todas as pessoas, sejam capazes através do caráter e da promessa de desenvolverem projetos de vidas pautados pela ética, em vista da estima de si-mesmo e do outro, com o pleno objetivo de viver bem.

4.3. Instituições Justas.

Antes de mais nada, é preciso pensar sobre dois aspectos importantes para a compreensão da terceira parte do terceiro capítulo. De um lado, a vida boa, a qual representa a vida nas instituições e, de outro lado, a justiça, a qual tem como sentido a ideia de igualdade. Por tanto, é nas instituições onde vemos surgir a visada do bem viver e, que também, podemos observar a justiça desenvolver-se. Desta forma, o objetivo agora é observar "(...) uma nova determinação do si." (RICOEUR, 2019, p. 215).

A instituição, nesse sentido, composta pela pluralidade, tem a necessidade da ética enquanto perspectiva, principalmente, para mediar a relação entre os sujeitos.

A pluralidade, a qual nos referimos, de acordo com a teoria enunciativa, é composta pela terceira pessoa do singular. Nesse sentido, Paul Ricoeur fala do terceiro enquanto um sujeito anônimo.

Além da ética, a instituição também é composta pela ideia de poder. O poder enquanto uma ideia que delimita o sentido de uma ação, é exercido pela própria pluralidade. A pluralidade é a verdadeira responsável pela manutenção e imortalidade da ideia de poder, principalmente, quando a pluralidade enquanto terceira pessoa do singular através da autodesignação se torna o pronome eu da primeira pessoa do singular. O poder em sua "(...) qualidade de querer-agir e viver-junto, traz para a visada ética o ponto de aplicação de sua indispensável terceira dimensão: a justiça." (RICOEUR, 2019, pg. 218). A terceira dimensão da identidade enquanto ipseidade, desta forma, está relacionada com a justiça.

Paul Ricoeur, muito embora, não deseja negar a relação existente entre a justiça e a moral deontológica, na terceira parte do sétimo capítulo, realiza um cômputo de análises voltadas somente para a justiça do ponto de vista da ética teleológica.

Desta forma, posso afirmar que, de acordo com Paul Ricoeur, a ideia de justiça surge justamente de uma necessidade de organização social, principalmente, quando esta se encontra ameaçada pela desordem, ou seja, pelas próprias injustiças. Ainda como virtude, a justiça deve compor a posição do meio termo, de onde de um lado vê-se surgir o excesso e de outro a deficiência.

Em seguida, Paul Ricoeur, fala sobre a importância da existência das instituições, principalmente, porque é nela (ou pelo menos deveria ser) que o senso de justiça se desenvolve. E como o senso de justiça se desenvolve nas instituições, para e com a pluralidade, todo sujeito dispõe do direito de visar viver bem. É por esta razão, que Paul Ricoeur faz alusão a Aristóteles, quando cita o termo distribuição. A distribuição, nesse sentido, é a ideia de que tanto os direitos quanto os deveres devem ser distribuídos de igual maneira entre a pluralidade. Justamente, o que nos permite falar em um sentido ético dado para as instituições enquanto "(...) estrutura do viver junto de uma comunidade histórica" (RICOEUR, 2019, p. 215).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de pessoa, antes de ser compreendida enquanto pessoa, passa pelo processo de identificação e, conseqüentemente, pelo processo de individualização. É pelo processo de identificação e, conseqüentemente, pelo processo de individualização, que a ideia de pessoa adquire um conjunto de características as quais são representadas, respectivamente, pelos nomes próprios, descrições definidas e indicadores.

Além do mais, a ideia de pessoa é compreendida enquanto um particular de base, no sentido de substantivo primitivo, ou seja, enquanto substantivo primitivo, a palavra “pessoa” não deriva de nenhuma outra palavra.

Agora, se existe alguma relação entre a ideia de pessoa e a ideia de corpo físico, essa relação é fundamentada pela ideia de que qualquer pessoa possui um corpo físico. Além do mais, ambas as ideias - pessoa e corpo físico - são representadas pelo adjetivo primitivo, ou seja, são palavras que não derivam de nenhuma outra palavra.

De qualquer forma, com o primeiro capítulo, posso começar a falar sobre uma identidade composta pela identidade-idem. Desta forma, a identidade-idem ela representa a identidade enquanto a mesma em qualquer espaço-tempo, uma vez que, a ideia de mesma está relacionada com o termo mesmidade, o qual pode ser entendido enquanto corpo físico e/ou pessoa, ou seja, algo que é o mesmo em qualquer espaço-tempo.

No segundo capítulo, com a teoria da enunciação, a ideia de noção de pessoa foi analisada em duas espécies de estrutura enunciativa, sendo que, a primeira estrutura enunciativa é de uma abordagem reflexiva e a segunda estrutura enunciativa é de uma abordagem referencial. Portanto, em uma enunciação de abordagem reflexiva, por exemplo, a pessoa representa os pronomes pessoais “eu” e “tu”, desta forma, a pessoa é tanto um sujeito falante quanto um sujeito ouvinte, e em uma enunciação de abordagem referencial, por exemplo, a pessoa representa o pronome pessoal ele/ela, ou seja, é o sujeito de quem se fala.

Além de analisar a ideia de noção de pessoa através da teoria da enunciação, a ideia de noção de pessoa pode ser observada através da perspectiva da teoria dos atos de discurso, a qual foi desenvolvida pelo Searle e pelo Austin. A teoria dos atos de discurso, é a teoria pela qual é possível observar a ideia de noção de pessoa nos atos de discurso, bem como, no ato locutório da enunciação performativa e no ato ilocutório da enunciação constativa.

Ambas as teorias - a teoria da enunciação e a teoria dos atos de discurso - servem de auxílio no processo de identificação, tanto da noção de pessoa quanto da sua intencionalidade. Além do mais, as duas teorias são estritamente importantes para o entendimento do processo

de interlocução, o qual acontece entre o pronome pessoal “eu” e o pronome pessoal “tu”, e também para a compreensão da passagem entre a estrutura enunciativa de abordagem referencial, composta pelo pronome pessoal “ele/ela”, para a estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, composta pelos pronomes pessoais “eu” e “tu”.

A segunda parte do segundo capítulo, descreve o fato de que, muito embora, uma estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, tenha como característica principal a opacidade, o sujeito da enunciação não é determinado pela sua opacidade, uma vez que, quem se encarrega de comportar tal opacidade, é o próprio fato da estrutura enunciativa. Posteriormente, Paul Ricoeur, parece desenfrear alguns paradoxos e aporias, numa tentativa íntima de consolidar a posição do sujeito em uma estrutura enunciativa. A princípio, é digno de consideração, ressaltar a importância dos indicadores e dos nomes próprios, repentinamente, não só pelo aspecto singular do pronome pessoal “eu”, mas também pelo seu grau de representabilidade em um processo de interlocução entre o pronome pessoal “eu” e o pronome pessoal “tu”. Essa importância que se dá ao pronome pessoal “eu”, de fato, não o torna opaco mas, porém, o torna responsável pelo fato descrito pela própria estrutura enunciativa de abordagem reflexiva caracterizada pela opacidade. Afinal, o paradoxo está relacionado com o aspecto de substituíbilidade do pronome pessoal “eu”, e o aspecto de insubstituíbilidade dos nomes próprios, e o mesmo solucionado pelos termos *type* e *token*, desenvolvidos pelo Peirce, uma vez que, o pronome pessoal “eu” é representado pelo termo *type*, ou seja, pela ideia de “a cada vez”, e o nome próprio é definido pelo termo *token*, ou seja, pela ideia de “uma única vez”. Há outro paradoxo, o qual está relacionado com a ideia de pronome pessoal “eu” enquanto parte constituinte da estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, de um lado, opacizada, e de outro lado, não opacizada, de maneira que, o paradoxo é solucionado pela ideia de que apenas o fato da estrutura enunciativa pode ser opacizado, pois somente ele é refletido e, além do mais, o pronome pessoal “eu” é representado apenas pela ideia de “eu”. Quanto à ideia do pronome “eu” representado apenas enquanto pronome pessoal, posso afirmar que ela se desenvolve através da ideia de “eu”, designado pelo termo *token*, ou seja, “a cada vez”. Se fosse ao contrário, isto é, se o pronome pessoal “eu” representasse alguma definição específica, teríamos uma aporia. Essa aporia seria resolvida pelo Paul Ricoeur, do ponto de vista de Ludwig Wittgenstein. Desta forma, o pronome pessoal “eu” tende a se ancorar “a cada vez” ao nome próprio, não para se definir pelo nome próprio, mas para manter a sua singularidade enquanto sujeito, no sentido de que, enquanto pronome pessoal “eu”, é comum ancorar-se aos diferentes nomes próprios e, ainda assim permanecer representado apenas enquanto pronome pessoal “eu”.

A última aporia está relacionada com a ideia de pronome pessoal “eu” relacionado ao nome próprio, enquanto componente da estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, de um lado, opacificado, e de outro lado, não opacificado. Essa aporia é solucionada pela ideia de que, a opacidade é dirigida apenas ao fato da estrutura enunciativa, porque o pronome pessoal “eu” apenas desenvolve papel de responsável pela estrutura enunciativa e, também, pela sua relação do pronome pessoal “eu” ao termo *token*. Além do mais, em outras palavras, a aporia é solucionada pela ideia de que a estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, é composta tanto pela factualidade quanto pelo pronome pessoal “eu” e os nomes próprios, e no entanto, a opacidade somente se dirige a factualidade da estrutura enunciativa e, graças a ancoragem realizada entre o pronome pessoal “eu” e os nomes próprios, ambos constituem a estrutura enunciativa, porém, não é o suficiente para aferir ao pronome pessoal “eu” e aos nomes próprios a qualidade de opaco.

Na terceira e última parte do segundo capítulo, Paul Ricoeur realiza reverberações sobre a aporia, a qual se desenvolve através da ideia de diferença existente entre a abordagem reflexiva e a abordagem referencial. Enquanto a abordagem referencial, é caracterizada pela presença do pronome pessoal “ele/ela” e, também, pelo aspecto transparente, a abordagem reflexiva, é caracterizada pela presença dos pronomes pessoais, respectivamente, “eu” e “tu” e, também, pelo aspecto de opacidade. A aporia é solucionada pela ideia de necessidade entre uma abordagem e outra, de modo tal que, a necessidade é representada pela ideia de passagem da terceira pessoa do singular, o qual é designado enquanto um sujeito qualquer, para a primeira pessoa do singular, enquanto um sujeito que se autodesigna.

No último capítulo, Paul Ricoeur, fala sobre a constituição da identidade enquanto ipseidade. Ele dirá, que a identidade enquanto ipseidade, se desenvolve na práxis, ou seja, na ação. A ação ela não pode ser analisada em outro espaço senão nos espaços institucionais. A instituição, como afirma Paul Ricoeur, é o espaço no qual a narrativa histórica, a qual tem o sujeito como agente e paciente, se potencializa. A instituição, nesse sentido, é a verdadeira responsável pelo desenvolvimento das relações sociais que nela acontecem. E por esta razão, conceitos como virtude, justiça e ética, nela se fizeram imprescindíveis, principalmente, para manter a ordem da igualdade entre a pluralidade daqueles que compõem a própria sociedade.

A ideia de Paul Ricoeur, é a de que, todos os sujeitos, estes que compõem a pluralidade, tenham o direito de visar uma vida boa. O que inclui, acesso a todas as necessidades básicas, principalmente, aquelas voltadas para a cultura, educação, economia, lazer e saúde.

Portanto, concluo esse texto, dizendo que a filosofia proposta pelo Paul Ricoeur, em sua obra denominada “O Si-Mesmo como Outro” é para refletir uma nova teoria do sujeito. O que dizer do processo de individualização, por ele proposto? Senão, que compõe o desenvolvimento mais radical da teoria do sujeito de toda a história. O indivíduo é individualizado através de operadores de individualização, afirma Paul Ricoeur e, antes de ser individualizado, o indivíduo nada mais é do que o *Dasein* de Heidegger, um sujeito qualquer, comum. Para se tornar um sujeito reconhecido entre os sujeitos, para se tornar uma identidade-ipseidade, o corpo físico que traz consigo o espírito da humanidade, é individualizado através dos operadores de individualização. Os operadores de individualização, bem como, as descrições definidas, os nomes próprios e os indicadores, fornecem ao sujeito uma nova roupagem. Ao passar pelo processo de individualização, o sujeito não é mais um corpo físico e/ou uma pessoa apenas, ela é uma identidade, a identidade-idem.

E se não bastasse, o corpo físico e a pessoa, que agora compõem a identidade-idem, são também inseridos em uma estrutura enunciativa. A teoria da enunciação, desenvolvida por Austin e pelo Searle, traduz a relação do sujeito com a ação. Essa relação acontece, de maneira tal que, o sujeito se insere ou é inserido na estrutura enunciativa de abordagem reflexiva ou na estrutura enunciativa de abordagem referencial. Enquanto na estrutura enunciativa de abordagem reflexiva, o sujeito representa o pronome pessoal “eu” em um processo de interlocução com o pronome pessoal “tu”, na estrutura enunciativa de abordagem referencial, o sujeito representa os pronomes ele/ela. Falando em pronomes, o uso do pronome reflexivo si, está justamente relacionado com o fato de que ele representa todos os pronomes pessoais. Temos mais uma razão para acreditar que Paul Ricoeur, sim, de certa maneira, buscou desenvolver uma nova filosofia do sujeito, principalmente, que pudesse entrar em contraposição ao *Cogito Ergo Sum* de René Descartes. Perceba que a primeira estrutura enunciativa, composta pela abordagem reflexiva, é o próprio espaço de ação, proposta não só pelo Paul Ricoeur como também por Austin e por Searle. Além do mais, se trata de uma estrutura, a qual torna possível a reflexão, por vezes filosófica, entre os pronomes pessoais “eu” e “tu”. A reflexão, nesse sentido, é um ato. Ato o qual só pode ser desenvolvido entre sujeitos pensantes. Pensar é um ato. Para René Descartes, o pensamento nunca passou de um critério para a existência. Daí ouvimos falar em *cogito* ferido, principalmente, porque a relação que se faz entre o sujeito e o *cogito*, é uma relação a qual não ultrapassa a metafísica, no sentido, de alcançar o próprio espaço da ação. E a filosofia de Paul Ricoeur, justamente, nos entrega a chave para abrir essa porta pela qual encontramos o

espaço denominado por ele enquanto instituição. Para Paul Ricoeur, a identidade enquanto ipseidade de um sujeito, enquanto promessa, ela se desenvolve na *práxis*, ou seja, na ação de cada ato que compõe a instituição. A instituição, nesse sentido, é a grande responsável pela manutenção dessas ações desenvolvidas pelos sujeitos, as quais devem ser pautadas pela ideia da visada ética do bem viver. É através desse sentido fornecido para a vida em conjunto nas instituições, que nos tornamos testemunhas de uma história cujos efeitos da ideia de justiça e da ideia de igualdade, é tornar a injustiça e a desigualdade menos impetuosas possíveis. E para não deixar de relacionar o título da obra utilizada como objeto de estudo para essa pesquisa, o sujeito que visa viver bem, é o sujeito que estima a si-mesmo, o que em Paul Ricoeur, tem o mesmo valor de verdade que estimar uma vida boa para o outro. Daí Paul Ricoeur dirá : “O Si-Mesmo como Outro”.

Enfim, a identidade enquanto ipseidade, ou então, a promessa enquanto manutenção da vida do sujeito enquanto, se desenvolve através da semântica e da pragmática e, principalmente, de maneira justa quando ambas tem como base os princípios da ética.

REFERÊNCIAS

RICOEUR, Paul. **O SI – MESMO COMO OUTRO**. Tradução: Ivone C. Benedetti (1º Ed. São Paulo). Editora: WMF Martins Fontes (2014).

RICOEUR, Paul. **O SI – MESMO COMO UM OUTRO**. Tradução: Lucy Moreira Cesar (Campinas, SP). Editora: Papyrus (1991).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **UMA FILOSOFIA DO *COGITO* FERIDO**. Estudos Avançados, 1997.

CORÁ, Élsio José. **HERMENÊUTICA E TEORIA DA AÇÃO EM O SI-MESMO COMO UM OUTRO DE PAUL RICOEUR**. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2004.

NASCIMENTO, Cláudio do Reichert. **IDENTIDADE PESSOAL EM PAUL RICOEUR**. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2009.